O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo.

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 12 DE SETEMBRO DE 1909 | N.º 1:325

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Quasi que não temos instrucção, pode-se dizer. Nem instrucção geral, nem instrucção profissional.

Quantos comicios se teem feito a pedir o pão do espirito para este infeliz povo? Quantas carteiras se teem quebrado na camara dos deputados, em legitima, em santa indignação pelo desprezo a que os governos teem votado a instrucção? Quantas campanhas d'imprensa se teem feito a favor da instrucção? Quantas vezes se tem ameaçado a monarchia com a revolução, por causa da instrucção?

Assim como não temos pão para o espirito assim não temos pão para a bocca. O pão em Portugal é carissimo. Com a carestia do pão conjuga-se a carestia de todos os generos necessarios á vida. E' uma questão importantissima, porque d'ella depende o futuro d'esta raça. Povo que não come é povo votado a todos os enfraquecimentos, a todas as degenerescencias, á morte, em futuro mais ou menos proximo.

Quantos comicios se teem feito a pedir o alimento de que carece este povo infeliz? Quantas vezes se tem tratado a questão do pão no parlamento e na imprensa?

Centos de artigos escrevemos, nós, n'este *Povo de Aveiro*, a favor da instrucção. Centos de artigos temos escripto, aqui, a favor da alimentação. Ninguem nos accusará, ahi, como em nenhum outro ponto d'interesse vital para a democracia e para a patria, de termos deixado de cumprir o nosso dever.

Pozemos nitida, flagrante, eloquente, a questão da instrucção. Pozemos nitida, flagrante, eloquente, a questão do pão. O que apprenderam comnosco os miseraveis que dizem representar na imprensa *democratica* os interesses do povo? Como secundaram o nosso esforço? Como repetiram o nosso exemplo?

Quem foi ahi o deputado republicano que levantou na camara a questão do pão? Quantas carteiras, em legitima, em santa indignação, se quebraram, se teem quebrado na camara dos deputados por causa da alimentação? Quantas vezes se preparou, por causa d'isso, a revolução?

Ah, miseraveis! Ah, tartufos!

Deixaria o padre, deixaria o militar, deixaria alguem n'esta terra de acompanhar um movimento sincero a favor da instrucção, a favor da alimentação? Por mais que os interesses illicitos dos grandes lavradores se conjugassem no sentido de manter o odioso regimen dos cereaes, por mais que os interesses illicitos de moageiros e padeiros quizessem defender monopolios e restricções oppostas a todo o espirito de liberdade, venceria o bom senso, venceriam a justiça e a verdade.

Essas são as questões capitaes d'um povo. Essas são as questões de vida ou de morte para uma nacionalidade. E não ha ninguem capaz de dizer que n'essas questões, habilmente dirigidas, eloquentemente defendidas, profunda e largamente tratadas, não seja possivel reunir o conservador e o liberal, o monarchico e o republicano, o ecclesiastico e o leigo, o civil e o militar, emfim, os homens de todas as escolas e de todas as classes.

Não ha mesmo outra maneira de as impor, de as vencer, de as fazer vingar. N'isso, como em tudo, os republicanos teem sido d'uma estupidez fundamental. Ou, por outra, n'isso, como em tudo, os republicanos teem deixado de ser republicanos, teem deixado de ser democratas.

Porque é preciso começarmos por precisar bem este ponto: em Portugal não ha republicanos e muito menos democratas. Essa, como muitas outras coisas, a temos dicto muita vez. Mas repita-se, para que nos espiritos se avigore. Em Portugal não ha republicanos. Em Portugal não ha democratas. Nem coisa que de perto ou de longe se pareça.

Eu tenho dicto aqui muita vez que a existencia do partido republicano se justificava muito bem, embora o paiz não estivesse preparado para o regimen democratico. Justificava-se como elemento de protesto, como elemento de reacção, e, sobretudo, como elemento de correcção, de morigeração, d'educação, de sã propaganda, isto é, precisamente como elemento da *preparação democratica* indispensavel nos regimens constitucionaes. Por um deploravel conjuncto de circumstancias, os partidos monarchicos tinham faltado á sua missão social na liberdade. Concorrera para isso, por um lado a falta d'instrucção, a falta de educação nas grandes massas, transportadas de repente para um regimen que lhes punha nas mãos o governo, a soberania, sem que ellas a comprehendessem, sem que, de qualquer forma, a soubessem usar; por outro lado o egoismo, o interesse illicito, a ambição pessoal sobrepondo-se a tudo nas *classes illustradas*. Assim se crearam bandos exploradores em vez de partidos, verdadeiras quadrilhas, reguladas exclusivamente pela moral estreita e criminosa de todos os que não teem outro mobil que a ambição de enriquecer e dominar *por qualquer forma*. O partido republicano, corrigindo esses bandos exploradores pelo exemplo das suas virtudes a par de um combate sabia e justamente orientado, e elevando, por uma educação de justiça e de verdade, por um estudo serio dos problemas nacionaes, por uma propaganda escrupulosa de todos os bons principios democraticos, pela creação d'escolas a que, n'uma campanha séria, arrastaria os governos e os particulares, e elevando o nivel intellectual e moral das grandes massas, teria exercido na sociedade portugueza uma acção altamente salutar, teria desempenhado em Portugal um papel admiravel.

Era utilissimo. Era opportuno o seu apparecimento. Justificava-se a sua existencia como uma grande necessidade.

O partido republicano não tinha que se preoccupar, não devia preoccupar-se com a posse do poder immediata. Desde que o fizesse — já o dissemos aqui por mais do que uma vez — deixava de ser um partido nacional para se converter n'uma nova clientella partidaria. Era mais um bando, era mais uma quadrilha, com a circumstancia aggravante de ser mais hypocrita, e, por conseguinte, mais repugnante, mais odiosa. E mais perigosa. Bem mais perigosa. Frustrando esperanças, illudindo a boa fé do paiz, abusando da grande ingenuidade popular, seria, na hora da desillusão, o mais famoso golpe no já tão enfraquecido caracter nacional.

Não podia, não devia o partido republicano preoccupar-se com a posse exclusiva do poder, porque toda a sua obra, desde que o fizesse, seria, fatalmente, de facciosismo, de mentira, de desvairamento, de anarchia, de tremenda immoralidade. O seu papel, a sua missão, devia ser, *exclusivamente*, de educação nacional. Não podia, não devia fazer obra de sectarismo, mas obra larga de evangelisação, de attracção, de sympathia moral, chamando a si as adhesões de todos os elementos solidos d'esta patria atrazada. Um trabalho essencial, primordial, basilar, se impunha em Portugal: cultivar a intelligencia, orientar e disciplinar os espiritos, fortificar o caracter. Crear novas forças e congregar as que andavam dispersas, perdidas, frouxas, desalentadas. Attrahir, animar, e não arreigar ainda mais a indifferença, ainda mais dispersar, afugentar, escorraçar as forças validas. E, então, sim; o partido republicano teria feito uma dupla revolução, uma dupla conquista: a conquista das consciencias e a conquista dos sellos do Estado. Esta seria o corollario d'aquella. Servindo os interesses da patria teria servido efficazmente os seus interesses partidarios.

Mas, assim, não. Mas assim, o partido republicano não se limitou a renegar todas as doutrinas, a desmentir todos os principios democraticos. O partido republicano não se limitou a ser cumplice na dissolução final da sua patria; foi o principal auctor, foi o primeiro e mais terrivel agente da anarchia dos espiritos, da indisciplina, da immoralidade. Foi quem cimentou os processos mais vis, mais dissolventes, quem semeou as idéas e doutrinas mais infames. Foi quem mais alentou o vicio e o crime, quem lhes deu maior vigor, maior força, maior vida n'esta terra.

Na questão da instrucção, não só affirmou o principio anti-democratico, centralisador, asnatico, de que a acção do governo era tudo, e de que a acção e a iniciativa dos particulares não era nada, como chegou a proclamar, pela bocca dos seus mais illustres coripheus, que *não valia a pena* instruir o povo.

Monstruosidades e asneiras que aliás disse e praticou em tudo. Em toda a parte a iniciativa particular, em tudo e por tudo, precedeu a acção dos governos. Em tudo e por tudo. Na instrucção como no resto. E comprehende-se. E é logico. E é natural. E é inevitavel. Pois qual é o estimulo dos governo senão a *opinião publica?* Pois o que é que corrige os governos, o que os guia, o que lhes força a mão? A opinião publica inicia os grandes movimentos. A opinião publica prepara as grandes reformas. E só quando o movimento está feito, só quando a corrente das grandes reformas é impetuosa, interveem os governos para executar. Isto é que é logico. Isto é que é da *ordem natural das coisas*. Desde que para o partido republicano portuguez *não valia a pena instruir o povo*, desde que para o partido republicano portuguez não valia a pena formar, em questões de principios, grandes correntes d'opiniões, desde que para o partido republicano toda a reforma, toda a redempção, dependia exclusivamente da acção governativa, da proclamação da republica, e desde que, por outro lado, os dirigentes republicanos demonstravam a toda a hora, em tudo e por tudo, a sua grande incapacidade intellectual, e, sobretudo, a sua grande incapacidade moral, a condemnação do partido republicano, como partido democratico e como partido nacional, era absoluta, era completa, era formal e irremediavel, na consciencia dos democratas e na consciencia dos patriotas. Morria. Afundava-se.

A questão da instrucção ficava ... para quando viesse a republica. A questão da alimentação ficava ... para quando viesse a republica. A questão da educação publica ficava ... para quando viesse a republica. Ficava tudo, tudo ... para quando viesse a republica. E como executores, reformadores, homens d'estado para *quando viesse a republica*, o partido republicano offerecia-nos o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o França Borges, o Alexandre Braga, o Botto Machado, o Padua Correia, o Henrique Cardoso, o Alfredo de Magalhães, o Arthur Leitão, o Aurelio Netto, o Ribas d'Avellar, o Gomes da Silva, o Feio Terenas, uma enorme cambada de gatunos, de bebedos, de caloteiros, de falsificadores, de devassos, alliados ao Alpoim e ao Centeno, e formando tudo a nova Egreja, o novo Collegio de Cardeaes que fazia com que Jesus voltasse á terra a apertar a mão... ao Bombardino Rachado!

O partido republicano morria. O partido republicano afundava-se Afundava-se em ridiculo. Afundava-se em lodo. Afundava-se em trampa. Provocando a gargalhada, e ao mesmo tempo inspirando nojo, inspirando horror, dando vontade de o cuspir e de o retalhar. Ou n'esta patria teria morrido toda a intelligencia e todo o caracter.

Isto era fatal. Isto era inevitavel.

Praticam-se monstruosidades, verdadeiras monstruosidades, nos tribunaes portuguezes. Contam-se coisas espantosas da celebre casa de justiça que se chama a *Boa Hora*. A ganancia, o nepotismo, é a lei reguladora, a lei suprema da justiça em Portugal. Tão dominadora que contra isso é impotente a boa vontade, o espirito de justiça de muitos dos proprios magistrados.

A tuberculose dizima meio Portugal. O alcoolismo alastra-se d'uma maneira pavorosa.

São horriveis as condições hygienicas, em qualquer ponto do paiz, das casas destinadas a gente pobre.

O fisco pratica exaggeros e atropelos a toda a hora.

As matrizes estão, continuam sempre, insufficientes e falsificadas.

Vergamos ao peso dos abusos e das extorsões das grandes oligarchias e das grandes companhias.

Toda a vida portugueza é um horror.

O que fazem contra isso, o que teem feito, os republicanos? Nada! *Falam* n'isso de vez em quando, em varios artigos e varios discursos. Mas pouco e mal. Sem energia, sempre, sempre sem amor, sempre sem enthusiasmo. Falar por falar. Por descargo de consciencia. Para se não dizer que não falam. Por *snobismo*. Por *diletantismo*. Todo o seu tempo é pouco para exaltar os *magistraes discursos do grande parlamentar Affonso Costa*. Todo o seu tempo é pouco para falar, em todos os tons, no *grande parlamentar* Affonso Costa. Na virtuosa esposa, nos filhos geniaes, nos amigos queridos do *grande parlamentar* Affonso Costa. Todo o seu tempo é pouco para exaltar, engrandecer, illuminar, aureolar, pôr a par de Jesus, o phenomenal Bombardino Rachado. Todo o seu tempo é pouco para criticar as pernas do sr. José Luciano, a Santa Carlota e a Santa Izabel. Todo o seu tempo é pouco para atirar lama aos oragos das capellinhas dos adversarios e para fundar todos os dias novas capellinhas suas e crear novas procissões, novas festas, novos oragos.

Uma baixeza, uma degradação, uma immundicie, uma infamia.

Teem os maiores hypocritas no seu seio. Teem advogados e medicos que usam dos processos mais indignos para extorquirem quantias fabulosas aos desgraçados que lhes cahem nas garras. E deixando uma patria abandonada, erma, uma patria entregue á ultima miseria moral, intellectual e material, abrem grandes campanhas contra os padres, *os ferozes inimigos*, porque lhes não dão votos nem palmas, por isso e só por isso ferozes inimigos seus e... da *libardade*.

Uma impostura, uma traição eterna aos principios democraticos e aos interesses da patria.

Um partido assim morria. Um partido assim afundava-se. Desapparecia atascado em lama, em immundicie, em vileza, em infamia. Ou esta patria seria, toda ella, um prostibulo e uma cloaca. N'um grande prostibulo, uma grande cloaca.

O partido republicano está morto. Pode amanhã triumphar. Quando dizemos que está morto não queremos negar a possibilidade, nem sequer a probabilidade, de segurar ámanhã, nas suas mãos porcas, nas suas mãos deshonradas, as redeas do governo do Estado. Mas perante a consciencia, mas perante a historia, está já morto e enterrado.

Morto. E morto com ignominia. Cheio d'ulceras. Mettendo nojo a Deus e ao Diabo.

Morto.

E enterrado.

Chora-lhe agora

O *immundo* da rua de S. Roque vinha na quinta feira muito afflicto porque os monarchicos das Lapas, do concelho de Torres Novas, foram ao lombo aos quadrilheiros republicanos, ou, por outra, porque *a insignificante minoria que representam os conservadores portuguezes tem abusado, e abusa cada vez mais, da acção legalista do Partido Republicano*, porque *á propaganda verbal dos republicanos, á sua argumentação, á sua discussão se responde com a violencia, com a brutalidade, com o crime.*

O grande pulha! O grandissimo pulha, que entrou na machinação de que resultou a morte do rei e do principe real, que entrou na machinação para assassinar João Franco, que, dia a dia, com João Franco homisiado, instigou a turbamulta fanatica ao assassinato do dictador, que, fazendo coro com toda a quadrilha, intimava os monarchicos de Lisboa a não receberem festivamente o **rei**, o **chefe do Estado**,—a isso chegou a audacia, quando da visita real ao Porto e norte do paiz,—o grande pulha, que a toda a hora incita á revolução, que a todo o instante aconselha as ultimas violencias, o grande pulha a falar agora na **acção legalista** do partido republicano, na **propaganda verbal dos republicanos, na sua argumentação, na sua discussão!** O grande pulha! O infamissimo pulha!

De resto, bastou a simples propaganda d'um semanario de provincia para os atirar de pernas para o ar. Fomos nós aqui, quando tudo tremia ainda, quando ninguem tinha um acto de resolução e de coragem, que recommendámos energicamente a resistencia. Fomos nós aqui, que, em artigos successivos, da maior energia, aconselhámos os monarchicos do paiz a *opporem manifestação a manifestação*. O nosso conselho foi seguido. E isso bastou para levar o pavor aos arraiaes republicanos. Porque estão apavorados, porque estão *promptos*, se os monarchicos se mantiverem energicamente, tenazmente, n'essa attitude e n'esse caminho.

O resultado da acção d'um simples semanario da provincia! Imaginem os leitores o que seria a acção do governo, se no governo houvesse entrado, jámais, um homem d'estado! De ha muito que os quadrilheiros estariam reduzidos a cacos e... a caca.

Resistam. Andem para a frente. Se é uma insignificante minoria, como diz o *immundo*, elles, os quadrilheiros da republica, que a esmaguem.

Vamos. Coragem. Demonstrar-se-ha, como já dissemos, que poude mais a favor da ordem esta pobre gazeta que todas as espingardas, peças d'artilheria, *agentes da ordem* d'uma corja de insignificantes a que só por irrisão se tem chamado... governo em Portugal.

COHERENTES

A administração monarchica do municipio de Lisboa — refere o *Liberal* — pagava 250 reis pelo apertar de cada uma das rodas das carroças municipaes. Agora empreitou esse serviço um influente republicano do Arco do Cego por 700 reis. Isto é, ganha com o apertar de cada roda a bagatella de 450 reis.

Ao menos n'isso ... manteem a coherencia e a tradicção. Eu nunca os conheci senão ladrões... como os monarchicos!

Tribuna

Continua Jules Huret:

Le maître commence ainsi sa classe:

— Je suis allé à Cherbourg pendant mes vacances.

Il s'interrompt, désigne un élève et dit:

— Qu'ai-je fait pendant mes vacances?

A quoi l'enfant répond aussitôt, en français:

— Vous êtes allé à Cherbourg.

— Et qu'est-ce que c'est que Cherbourg?

— Cherbourg est un port de guerre français.

— Et vous-même, êtes-vous allé à Cherbourg?

— Non. Je n'y suis pas allé!

— Tous ensemble! ordonne le maître...

Et voilà toute la classe qui, d'une seule voix, conjugue le verbe «être allé à Cherbourg», à tous les temps, au moins les plus difficiles.

Le maître reprend:

— Je suis donc allé à Cherbourg pendant mes vacances. C'était au mois de décembre 1878. J'ai entendu pour la première fois chanter *Ma Normandie*. J'ai été très touché. Pourquoi ai-je été très touché? Parce que j'étais seul et que je pensais à ma bonne mère... En chœur!

Et tous les petits Allemands se mettent à chanter de tous leurs poumons, certains improvisant la seconde partie à la tierce, la chanson de Frédéric Béral:

Quand tout renaît à l'espérance
Et que l'hiver fuit loin de nous,
Sous le beau ciel de notre France
Quand le soleil revient plus doux!
Quand la nature est reverdie,
Quand l'hirondelle est de retour,
J'aime à revoir ma Normandie:
C'est le pays qui m'a donné le jour.

Le couplet fini, pas un arrêt, ils repartent:

J'ai vu les champs de l' Helvétie
Et ses chalets et ses glaciers.
J'ai vu le ciel de l'Italie,
Et Venise et ses gondoliers,
En saluant chaque patrie,
Je me disais: "Aucun séjour
N'est plus beau que ma Normandie!
C'est le pays qui m'a donné le jour!"

Les voix sont justes et fraîches. Et il serait impossible de distinguer si ce sont de jeunes Français ou de jeunes Allemands qui chantent. Et un sérieux! J'imagine une classe d'allemand dans un lycée français, et un exercice analogue! Des rires, des airs sceptiques et détachés, ou des «rigolades» à n'en plus finir.

Quand les trois couplets sont terminés:

— A présent, dit le maître, nous allons faire des exercices écrits au tableau noir. Il faut trois élèves: un bon, un médiocre, et un mauvais... Qui sera le bon?

Personne ne bouge.

— Qui sera le médiocre?

Quelques mains se lèvent.

— Et qui sera le mauvais?

Presque tous dressent leurs deux bras, sans même avoir l'air de sourire.

Le professeur dicte des phrases compliquées et en fait dicter d'autres par des élèves. Puis il interroge sur les fautes, fait réciter les règles de grammaire, qu'ils savent sur le bout des ongles: «Le participe avec *avoir* s'accorde avec le complément, etc., etc.» Sans hésitation, les élèves les répètent, les appliquent d'eux-mêmes à la correction des fautes.

* * *

M. Walter raconte maintenant, en français toujours, une histoire, que les enfants écoutent sans prendre de notes, et qu'ils transcrivent ensuite en français également sur leur cahier. Puis, c'est le tour de l'analyse grammaticale, exactement comme dans nos classes françaises: les enfants interpellés répondent, en cherchant naturellement quelquefois leurs mots, avec des fautes de syntaxe que le maître rectifie.

Il ordonne de changer les temps des verbes, ou de les mettre de l'actif au passif, ou inversement: il fait conjuguer par toute la classe les verbes irréguliers, jusqu'à l'imparfait du subjonctif, et tout cela rapidement, avec une verve et une sûreté extraordinaires.

Un autre exercice, excellent aussi et qui complète les autres: le maître dit un verbe en allemand:

— *Ich will dass er kommt.*

Et aussitôt l'élève de traduire:

— Je veux qu'il vienne

Et quantité d'autres pareils:

— Pouvez-vous? — Vous pourrez, etc.

Le verbe *boire* vient dans la leçon, comme par hasard. Aussitôt, le maître dit: Chantons!

Et toule la classe de nouveau se met à entonner en français cette chanson bachique:

Chantons! Buvons, buvons à plein verre!
Il n'est qu'un jour pour le plaisir!

Comme il ne faut pas fatiguer les éléves par la répétition des mêmes exercices, voici un nouveau jeu:

— Nous allons jouer, dit le professeur, *Henri IV et le Dauphin.*

C'est l'anecdote connue, qu'ils ont lue dans leur livre de lectures françaises, de Henri IV surpris par un ambassadeur étranger pendant qu'il faisait à quatre pattes le tour de son salon, son fils sur le dos.

L'un des élèves se met, en effet, à quatre pattes sur l'estrade, un plus petit monte à cheval sur lui en le fouettant avec une règle, et un autre remplit le rôle de l'ambassadeur. Un récitant déclame par cœur le récit, et quand c'est le tour d'Henri IV de parler:

— Dites-moi, monsieur l'ambassadeur, avez-vous des enfants?

— Oui, Sire, fait l'autre.

— En ce cas, je peux achever le tour de la chambre,

Et il le fait comme il le dit, à la grande joie de la classe, qui rit, s'anime, mais sans vociferations, sans rien renverser comme des garçons

bien élevés, bien sages, qui s'amuseraient dans un salon.

On joue encore une autre pièce: *Henri IV et le Président Jeannin,* qui dure trois minutes, et une *Revue des ligueurs avant la bataille d'Ivry,* qui exige des bâtons, des règles pour figurer les sabres, les fusils, des torchons pour le panache blanc, etc., etc.

Un exercice auquel j'ai assisté également consiste à faire raconter aux élèves eux-mêmes des histoires en français; un autre, à ce qu'ils s'interrogent entre eux: les récitants posent des questions à propos de leur récit, et désignent les camarades qui leur répondront.

Mais tous ces exercices n'étaient-ils pas des leçons souvent répétées, connues par cœur, et les enfants parlaient-ils vraiment lé français? Je voulus m'en assurer. Le maître, d'ailleurs, s'offrait de lui même à cette expérience.

— Parlez-leur, me disait-il. Ils doivent vous répondre.

Je leur parlai. Si je ne me pressais pas, ils me répondaient, en effet, comme à leur maître, plusieurs avec un pur accent français, et la majorité vraiment très bien.

* * *

Il m'a semblé que l'excellence de l'enseignement de M. Walter réside dans les qualités personnelles de ce maître, dans sa capacité de rayonnement, d'activité magnétique, qui lui permet, une heure durant, de conserver son esprit en éveil et de tendre toutes les facultés de son intelligence vers celle des enfants. Il a l'air de s'amuser lui-même extrêmement de ce qu'il enseigne, et il communique à ses élèves son alacrité et son entrain. Je ne dis pas cela pour diminuer la valeur de la méthode, qui me paraît indiscutablement bonne. Et je souhaite ardemment qu'elle se répande en France. On m'assure, du reste, qu'elle y est déjà connue et appliquée en certains lycées. Et même qu'on lui fait déjà la guerre!...

Il faut ajouter, pour être juste, que l'exemple de M. Walter ne peut pas être pris comme le type de l'enseignement des langues en Allemagne. On me dit que, s'il y a *relativement* beaucoup de professeurs parlant bien notre langue, ou du moins la parlant assez pour la bien enseigner, il en existe qui ne savent pas la parler du tout, et qui sont justement les ennemis de la réforme. Sans doute ils connaissent admirablement l'histoire de la langue, et ce sont des philologues des langues romanes comme on en trouve én tous pays, mais incapables de prononcer deux phrases de langage courant.

A grande quadrilha

Recebemos do Porto a carta que se segue:

Lendo assiduamente e com satisfação o seu hebdomadario, tenho observado que na biographia que vem traçando do inclito heroe do interdicto Esteves Ribeiro não se refere V. a outros actos meritorios commettidos por tão illustre «chanteur».

Quizera e desejara poder fornecer largos elementos para essa biographia, mas sobram-me as canceiras e fallece-me o tempo, limitando-me por isso a dar-lhe ligeiras indicações, para que V. com a sua costumada diligencia possa organisar narrativa fiel d'estas façanhas. Correu e julgo corre ainda n'uma das varas d'este Tribunal Civel uma acção de approvação de contas em que é interessada A... representada pelo nosso homem, que dizem ter commettido protervias e infamias, comendo á barba longa *ad majorem gloriam republicae.* Com essa desditosa nymphomaniaca, parece ter posto em pratica as theorias do seu amôr livre e de bocca em bocca correm aqui noticias de verdadeiras torpezas.

E' modestissimo o quinhão com que contribuo para esta obra de saneamento social que V. vem intentando e que oxalá possa levar a cabo para bem do paiz onde nascemos, tornando-o um benemerito pelo desassombro, verdade e clareza com que trata as acções d'estes pretensos futuros dirigentes.

Ainda lembraria a porcaria da fusão dos Electricos com a Companhia Carris de Ferro do Porto, onde teve tambem logar primacial o honesto Padua Correia. Envio-lhe por este correio a lista dos accionistas em que elle figura em companhia de outros coripheus da Republica, como o Pereira Osorio, bacharel barato, que procura agenciar a vida esquecendo os meios para conseguir os fins, o honrado Calém Junior habilissimo na compra de heranças, e outros mais de quem fallaremos n'uma proxima carta.

Antigamente em Alfarrobeira pronunciava-se heroicamente o «fartar villanagem»; agora, como no negocio da Carris, pronuncia-se *não tenha escrupulos, a questão é que venha a massa.*„

Apresentando-lhe os meus cumprimentos sou seu, etc.

P. S. — De que natureza será tambem a concessão para a affixação de annuncios feita pela Exma. Camara ao Alexandre de Barros, director do extincto «Norte»? Deve ter sido á porta fechada, com receio de não poder voltar a dizer que Deus é um monstro.

E vinha a pelo saber que destino tiveram umas subscripções abertas no finado jornal, como por exemplo, a da penna de ouro para o Juiz no processo do Djalme?

Fala o auctor da carta na nossa *costumada diiigencia* e espera d'ella que organisemos a narrativa fiel das façanhas do inclito heroe do interdicto Esteves Ribeiro. Pois sim, mas, sem a ajuda de quem já estiver no conhecimento d'aquellas das façanhas que, como essa da nymphomaniaca, nós ignoremos, não é facil chegarmos ao fim que se pretende. N'isso, como em tudo, o essencial é um homem saber *por onde ha de entrar e por onde ha de sahir.*

Nós estamos organisando o *dossier* d'uma grande quadrilha. Iremos até ao fim. Nada nos detem. Nada nos mette medo. E' uma obra de justiça, de verdade, de profundo o legitimo saneamento social. Mas, para attingirmos o fim desejado, precisamos que todos quantos estiverem no conhecimento das infamias da quadrilha e dos quadrilheiros, nos tragam o seu depoimento, as suas informações, os seus esclarecimentos, e o mais completos possivel. Nós guardamos reserva, como já dissemos. Podem confiar absolutamente n'essa reserva. Não precisamos de responsaveis. Responsavel somos nós. Só precisamos, tambem já o dissemos, de verdade. De rigorosa verdade. No interesse da causa. No interesse de todos que por ella se empenham. Sem verdade, em vez de servirmos a causa, prejudicamo-la.

Está instaurado o *dossier.* Venham depoimentos. Venham informações, venham esclarecimentos e venham documentos. E' um grande, um enorme serviço prestado a este paiz. As quadrilhas monarchicas estão liquidadas. Deu-lhe o ultimo golpe João Franco. Prestou esse grande serviço, diga-se a verdade. Agora é indispensavel, e urgente, liquidar a quadrilha republicana.

Porque é preciso que se saiba,—que não haja duvidas nenhumas a esse respeito,— que *não queremos* liquidar a quadrilha republicana em favor das quadrilhas monarchicas. Não. De forma alguma. Digam lá os republicanos o que quizerem, todo o mundo o percebe, até elles. Todo o mundo o percebe e estamos fartos de o dizer. De o dizer, e de o provar. Nós não temos relações nenhumas com partidos monarchicos e iámais recorremos a elles para nos darem o minimo auxilio. Vivemos da nossa independencia, da nossa absoluta independencia, que conquistámos na lucta mais difficil que um homem tem sustentado n'esta terra.

Nós não queremos liquidar a quadrilha republicana. Nós queremos liquidar *todas as quadrilhas.* Qual é a mais perigosa, n'este instante? Qual é a que representa, agora, uma burla, um logro mais perfeito? Qual é, agora, a que está de pé? E' a republicana. Pois então: *abaixo a quadrilha republicana.* Mas não basta. O que é preciso, o que é forçoso, é acabar com *todo o espirito de quadrilha* em Portugal. Isso é que é indispensavel. Isso é que é forçoso. E' indispensavel que isto seja *um povo.* E' forçoso que isto seja *uma patria.* E não o será emquanto não houver um *processo serio* de governar. E' o que nós queremos. E' para ahi que, resolutamente, inabalavelmente, caminhamos. Não valeremos muito. Mas, valendo pouco ou muito, seremos, até á morte, *um implacavel inimigo* do espirito de quadrilha em Portugal.

E' esse espirito que nos tem matado. O grande serviço patriotico, pois, é combate-lo, extingui-lo, afoga-lo.

Mas voltemos ao auctor da carta. Diz elle, repetimos, que se limita a umas *ligeiras indicações* para que nós, com a nossa *costumada diligencia,* organisemos a *narrativa fiel* das façanhas do maior bandido politico que tem apparecido em Portugal. Não basta. Faremos o que podermos. Iremos averiguar. Mas arriscamo-nos a não averiguar o sufficiente se todos se limitarem a *ligeiras indicações.* Que cumpram todos, todos quantos são portuguezes, quantos são patriotas, quantos são amigos da justiça e da verdade, o seu dever, que nós cumpriremos o nosso. O nosso é o mais difficil. Pois bem. Nós cumpriremos o nosso.

Posto isso, e deixando, por hoje, de parte o grande gatuno e grande devasso Padua Correia, a vergonha de Deus, que, tendo-se lembrado da maldade, e a prova é Caim, não se lembrou, no emtanto, de que a infamia do homem podesse descer *até isso* que se chama Padua Correia, d'outra forma não teria, e era o seu dever, creado o homem, deixando de parte, até domingo, ou até breve, esse excremento humano, com as suas acções—o pelintra que não tinha dinheiro para pagar as botas no sapateiro! — com *as suas* acções da Companhia Carris de Ferro do Porto e a *porcaria* da fusão d'essa Companhia com os Electricos, deixando isso, hoje, de parte, passemos á publicação de mais esta carta interessante:

No comicio de Aldegallega Anselmo Xavier falla em «surripiantes processos adoptados pelos jesuitas.» Sabe V. que este individuo é que usa d'esses surripiantes processos? Eu lhe conto. Este *melro* anda sempre á *fadista,* sem vintem. Tem pregado calotes a torto e a direito, a ponto de ninguem lhe confiar coisa alguma, nem o acceitar por fiador. N'estas condições recorre a expedientes. Hoje só lhe narro dois factos *absolutamente* verdadeiros.

Um dia encontrou-se atrapalhado com falta de massa. E de que se havia de lembrar? Offereceu um cordão que possuia á mulher do enfermeiro do hospital. Esta comprou-o por 15$000 reis. Mas um dia teve um presentimento e levou o cordão ao pharmaceutico Baptista para o pesar e examinar. Oh, céos! o cordão não era d'ouro, era de prata dourada! Corre a casa do sr. Dr. e pede o seu dinheiro. Este nega-lh'o. Procura o advogado de provisão Idyllio Leopoldo Magalhães de Moura para apresentar a sua queixa em juizo.

Mas apparecem os conselheiros. O sr. Dr. pertencia á meza da Misericordia e o pobre enfermeiro corria o risco de ser despedido ... A enfermeira ficou com o cordão de prata a 500 reis a gramma e o sr. dr. Anselmo Xavier com a alcunha de «Petiz dos Cordões». Isto acconteceu ainda não ha um anno e é *absolutamente* verdadeiro.

Outra, em poucas palavras: O sr. Dr. encontrou-se sem *cheta* e precisava d'ella. De que se havia de lembrar? D'um pobre moleiro, que era rendeiro d'um moinho seu. Chamou-o e fez-lhe venda d'elle, por bom dinheiro, como estando livre— o que consta da escriptura. Qual não é o espanto do moleiro quando, mezes depois, sabe que o moinho já tinha uma hypotheca do seu valor? Quiz ir para a justiça, mas ... o sr. Dr. Anselmo mette medo a todos estes pacovios! Mais *surripiantes proezas* lhe posso contar d'este cavalheiro d'industria, a quem chamam tambem o «Zé dos Moinhos». Mas fiquemos por aqui.

E' espantaso!

Mas este homem tinha fortuna! Que fez esse homem á fortuna? Que fez elle ao dinheiro que recebeu do Silva Graça quando sahiu do *Seculo?*

Elle foi sempre alicantineiro. Não lhe temos odio nenhum. Absolutamente nenhum. Nem mesmo má vontade. E' uma creatura politicamente inoffensiva. Mas, para nós, não se trata d'odios pessoaes nem de d'amizades pessoaes. Trata-se d'uma operação. Trata-se de cortar os podres a uma sociedade cheia de gangrena.

Cortem-se. Sem piedade. Sem contemplações. E' tempo. Abaixo as hypocrisias, as pieguices, as attenções pelos *pobres diabos* e pelas *boas pessoas* Foram sobretudo as *boas pessoas* que nos levaram a este abysmo. Os *ladrões mansos,* que ainda são mais perigosos, mais funestos que os *ladrões bravos.*

Elle foi sempre alicantineiro. Já o era em rapaz. Não admira que conservasse o vicio. Ainda assim... é demais. E' demais!

E por hoje, basta. Os leitores já devem estar atordoados. Não ficam com dores de cabeça? Eu, mais sou um operador callejado no serviço, acabo de escrever isto com dores de cabeça.

Por hoje, basta.

O resto, no domingo.

Problemas

Já em varios artigos, e por varias vezes, temos abordado ao de leve o grave problema que representa o medico na sociedade moderna. Estamos hoje com o jesuitismo em relação ao medico como estamos com o cholera-morbus em relação á tuberculose. O cholera-morbus constitue tradiccionalmente um terror e um espanto. A tuberculose vive e passa quasi despercebida, pelo menos deixando-nos indifferentes, junto de nós. Comtudo, a tuberculose mata muito mais gente, pelo menos na Europa, e é d'effeitos muito mais terriveis que a tuberculose.

O terror do jesuita equivale ao terror do cholera-morbus. Tudo grita horror ao jesuita. Tudo amaldiçoa o jesuita. Procuram-se preventivos, meios de defesa, contra o jesuita. E o medico *mata e esfola* muito mais gente, constitue um perigo moral e social de maior alcance, de muito maior alcance, que o jesuita.

Vemos esta nossa opinião, que é velha, que mais do que uma vez temos manifestado, sustentada agora, de certo modo, por um medico e professor d'uma Universidade, na importante publicação *La Revue.*

O ultimo numero d'esta publicação traz um artigo intitulado *La Crise Médicale en France.* E entre varias considerações, analysa muito justamente o seu auctor, e fulmina, o espirito de ganancia que se apoderou do corpo medico em todo o muudo.

Bien d'autres raisons ont été données pour expliquer ce défaut d'enseignement. Mais la principale — raison très humaine — gît surtout dans un déplorable esprit, qui, après avoir régné d'abord dans les milieux parisiens où il s'épanouit actuellement, tend peu à peu à gagner les universités provinciales. Paris, en effet, dans sa rage imitative de l'Allemagne, semble en avoir copié les usages mercantiles: sans croire tous les racontars qui circulent à ce sujet, il est certain que la course à la clientèle est devenue la furie du moment On cite des hommes doués d'une intelligence remarquable qui acceptent des rendez-vous chez eux à toute heure du jour et de la nuit, et passent leur temps à donner des consultations, alors qu'ils l'emploieraient avec plus de fruit, et plus de gloire scientifique, à l'enseignement pour lequel ils ont été destinés. On dirait que la vie glorieuse du médecin célèbre consiste aujourd'hui à pouvoir dire à la fin de son année, au lieu de *J'ai guéri tant de malheureux:* "J'ai gagné tant de mille francs., *Vraiment cet idéal est pauvre! Il semble que le professeur, même et surtout quand il est médecin, devrait viser, avant toute chose, à être modeste, à vivre retiré dans un coin d'hôpital ou de laboratoire, loin des potins du monde et des ragots de la vie quotidienne, cherchant obstinément le mystère des maux innombrables qui nous entourent et qui, vaincus un jour, renaissent le lendemain sous une autre forme, comme si la guérison d'une lèpre funeste provoquait, par un jeu d'éternel va-et-vient, la naissance d'une lèpre nouvelle. Quelques consultations limitées à certains jours déterminés devraient seuls le rappeler, et pour le bien des malades, à la réalité courante*

Q'on le veuille ou non, la profession médicale est un sacerdoce; et comme dans tout sacerdoce, la question d'argent doit passer à l'arrière-plan. Les honoraires que donne le public au médecin ne peuvent être considérés autrement que comme un cadeau qu'il lui remet: ce n'est point du tout, comme on le croit trop souvent de nos jours, l'échange de numéraire et de marchandise. Il y a quelques semaines, à ma grande stupéfaction, j'entendis un médecin distingué soutenir éloquemment dans une conférence, que le praticien devait être mieux éduqué qu'il ne l'est actuellement, afin qu'il puisse gagner plus d'argent: de même, ajoutait-il, "q'un négociant ou un industriel a été entrainé à faire valoir son fonds de commerce, de même un médecin doit être mis en état de faire valoir le sien.„ Ces paroles sont monstrueuses, car elles assimilent le malade à un sac de blé ou à une tonne de charbon autour desquels des spéculateurs s'acharnent. Or, la spéculation sur la souffrance humaine est une chose si odieuse que le jour où elle sera acceptée comme possible par le public, le rôle du médecin sera fini.

On conçoit que quelques malheureux praticiens aux abois et de conscience fragile, aient pu se laisser aller à des actes de moralité discutable; on les excuse ... Mais peut-il en être ainsi de ces princes de la science — infime minorité heureusement — qui, sous le couvert de philanthropie et dévouement, épris, en réalité, de luxe effréne et de besoins jamais assouvis, courent, par pure jouissance, après une clientèle de plus en plus nombreuse et payant à des taux exorbitants? Dans cette marche folle, sans fin, où leur appétit s'est aiguisé à mesure qu'ils ont avancé, ils n'ont réussi qu'à déchaîner les désirs de l'envie parmi leurs disciples affamés, et qu'à mettre en garde leurs clients, mal traités, contre leurs entreprises hasardeuses.

Ora não ha duvida nenhuma. Eu não quero ir tão longe como o dr. René Cruchet, professor da Universidade de Bordeus, e auctor do artigo. Que os honorarios do medico se limitem a presentes da parte dos doentes, ou que elle considere esses honorarios como presentes, acho muito. Mas acho infame, como o medico e professor René Cruchet, como toda a gente de moralidade e de juizo, que a especulação do medico chegue a ponto d'elle não pensar senão em dinheiro e de não fazer tudo senão por dinheiro.

Tambem não pretendo, como o medico e professor dr. René Cruchet, que o medico se encerre no quarto do hospital ou do laboratorio, e ahi viva completamente affastado *des potins du monde et des ragots de la vie quotidienne.* Nem por isso deixou de merecer a mais aspera censura e de reclamar o mais severo correctivo aquelle que fez da medicina um industrialismo e que, pondo de parte *inteiramente o estudo,* só tem como objectivo a vil ganancia.

Já em Portugal eu ouvi uma vez um grande medico, ha muitos annos, fulminar vivamente, violentamente mesmo, a especulação, a torpe especulação, de muitos, de muitissimos dos seus collegas. Esse medico chamava-se Manuel Bento de Souza e proferiu essas palavras, cheias de justiça e de verdade, ao fazer, se me não falha a memoria, o elogio historico do medico Barboza, no seu tempo um grande operador. Estava em frente d'elle o medico Sabino Coelho e outros accusados do tal espirito de ganancia, contra o qual Manuel Bento de Souza se expandia em torrentes de justissima revolta, de nobre indignação. Julgo que esse castigo ficou inefficaz. Ficou, sem duvida. A ganancia, em logar de diminuir, cresceu e alastrou. Nem por isso o medico e professor Manuel Bento de Souza deixou de praticar um acto meritorio, como agora o medico e professor René Cruchet nas columnas da importonte *La Revue.*

A ganancia cresceu. O vicio profundou. O attentado alastrou-se. A ganancia, a charlatanice, a especulação. Mas cresceu, profundou, alastrou-se por tres motivos, dois dos quaes o dr. René Cruchet menciona no seu artigo: o exemplo dos mestres, a abundancia de medicos, e a falta de propaganda e de critica dos que teem a seu cargo velar, como nós, pelos interesses publicos. A missão d'um jornalista não é precisamente pôr a par de Jesus qualquer Bernardino Machado ou a par de Demosthenes ou de Mirabeau qualquer Affonso Costa. Não é dizer mal das pernas do sr. José Luciano ou das affeições femininas ou crenças devotas do sr. D. Manuel. E' trazer para o debate as grandes chagas sociaes, chagas, ou necessidades, ou difficuldades, emfim, os grandes problemas da vida.

Não ha duvida nenhuma. Na marcha louca, na carreira desenfreada dos seus appetites, os grandes operadores, os grandes mestres despertam inveja e vontde d'imitação nos seus discipulos. Não ha duvida nenhuma. A medicina, tambem sobre isso não ha duvida nenhuma, devia ser um sacerdocio, e não pode ser, e não deve ser outra coisa. O medico tem sobre si muito maiores responsabilidades moraes e sociaes—não falamos ja nas materiaes—do que o padre. Muito mais. Não ha mesmo comparação possivel. Todavia, o sectarismo estreito não vê senão o padre, não fala senão no padre e deixa folgado e gordo o outro grande perigo. Sob a capa da philantropia e da dedicação, da liberdade, da egualdade, da solidariedade, *capa vermelha,* ficam impunes os mais vis exploradores, os maiores patifes, ao mesmo tempo que sob a capa preta, sob a batina, são maitas vezes fusilados os homens mais virtuosos e mais dignos

A medicina devia ser um sacerdocio. Mas raros são os seus devotos que se não deixam mover simplesmente pelo industrialismo. E para isso concorre extraordinariamente a maneira como os adeptos, os jovens adeptos, vêem especular e enriquecer os grandes mestres.

Outra causa d'especulação e de charlatanice é a quantidade espantosa de medicos que hoje invade o pobre planeta. E outra, a terceira, é a falta de censura, de critica, de discussão do problema. E' necessario abrir novas sahidas aos homens das escolas. Crear a industria, desenvolver o commercio, como se fez na Allemanha, na Suissa, na Dinamarca, por exemplo. A par da especulação, da charlatanice, da ganancia, ha na classe medica, já, uma grande miseria. Nem todos teem temperamento de charlatães e d'especuladores. Nem todos, mesmo que tenham esse temperamento, encontram *sorte no processo.* D'ahi, para muitos, uma lucta aspera com a vida, e não raro, ao cabo, a miseria. Procuremos novas profissões liberaes. Juntamente, chamemos á razão, á verdade, á justica, os que vão muitas vezes na corrente da especulação e da charlatanice, mais por habito, mais por irreflexão, do que por falta, no seu substractum moral, de sentimentos de verdade e de justiça. E se não tivermos vencido o mal, teremos, pelo menos, conseguido em bem geral alguma coisa.

E' indispensavel, é urgente pôr um dique á desmoralisação que o medico moderno representa.

Comnosco já succedeu uma vez este facto interessante.

Um medico qualquer, para um tratamento d'especialidade, recommendou-nos outro medico. Procurámos este sem o conhecermos, sem nunca termos ouvido, ou suppondo nunca ter ouvido, o seu nome. Era uma creatura para nós inteiramente nova. Nas suas mãos nos entregámos, com a confiança com que toda a gente se entrega nas mãos d'um medico, sobretudo quando elle por outro medico é recommendado. Mais tarde, esse homem pratica contra nós um acto de hostilidade, e não de vulgar hostilidade, mas de hostilidade indecente. Porquê? Fiquei assombrado! Como eu tinha estado nas mãos d'aquelle maroto! Como aquelle maroto me podia ter matado! Que estragos, ainda assim, me teria feito com o seu tratamento, sendo certo que peorei nas suas mãos consideravelmente?

Averiguado o caso era isto. Eu tinha tido, como capitão do exercito, em certo regimento, um primeiro sargento que era um grande patife. Como tal considerado e odiado em todo o regimento. Não sendo eu muito facil de intimidar e de vencer, é claro que metti na ordem o desavergonhado, com a força da minha auctoridade e a justiça do regulamento. Entre muitas brejeirices que lhe descobri, havia esta. O mariola trazia arranchado em nome d'um apprendiz de musica um individuo da classe civil. Isso importava uma irregularidade grave. Alem de ser contra o regulamento, alem de ser um abuso de confiança, era um roubo á fazenda publica. Castiguei-o. Suavemente. Dois dias de detenção. Ou duas guardas. Já não me lembro bem. Em qualquer caso, castigo muito inferior á gravidade da pena, e tanto que para lh'o dar tão pequeno tive de o redigir de forma a não deixar transparecer o seu verdadeiro motivo. Quem era o mariola, que comia e dormia — porque o mariola ainda por cima dormia no quartel—quem era o mariola que comia e dormia á custa do Estado e tambem á minha custa, porque se a infracção é conhecida, antes de eu a conhecer, pelas auctoridades superiores, quem pagava era eu? Quem era o mariola? Soube-o doze annos depois! Somente! Era o medico que me tratava, e que depois de ter comido e dormido á minha custa, no quartel do regimento, como estudante de medicina, á minha custa se vingava estragando-me os dentes—elle era dentista—e a bolsa, e fazendo-me patifarias estranhas ao seu mister, mas em virtude d'elle, ainda por cima, só por eu ... não o ter deixado mais tempo comer sopa de musico e dormir em cama de sargento! E tambem por ter tido a condescendencia de punir um crime, que não já uma simples infracção disciplinar, com dois dias de detenção ou duas guardas de castigo! Um partidario *enragé* da liberdade, da egualdade, e da ... faternidade! Um feroz adversario dos padres! Um terrivel inimigo ... dos jesuitas!

Um tratante que não um medico, dir-me-hão. D'accordo. Mas eis os perigos do medico tratante, que não são os perigos d'um tratante commum! Tambem o padre é tratante ... quando é tratante. Todavia, enche-se a bocca a toda a hora com os perigos sociaes que o padre representa.

Pois os perigos sociaes do medico, e é isso que eu quero demonstrar, são, nas sociedades modernas, muito superiores aos perigos que o padre representa.

Comtudo, o padre é a *ave agoirenta* e o medico é ... o obreiro da civilisação o apostoto da liberdade, o grande agente da futura ... *solidariedade.*

Oh mentira! Oh mentira!

De Nenhures

10 de setembro

Não falta quem veja, meu amigo, nas varias manifestações das sociedades actuaes, o ruir da nosssa civilisação. Escrevem-no, affirmam-no já, escriptores, pensadores eminentes. A nossa civilisação está velha, gasta, condemnada a morrer. Apalpam-se os symptomas, os terriveis symptomas, que antecederam a morte da antiga civilisação greco-romana.

Diz-se e parece-o. E' verdade, meu amigo, digamo-lo com tristeza: parece-o.

E a mim, o que mais m'o faz parecer, é a tendencia *macha* da mulher,

Isto vae mal, meu amigo, isto vae muito mal. Eu não sou um pessimista. Eu sou um optimista. Já lh'o tenho dicto. Não attribua, pois, a pessimismo os meus receios, a melancholia da minha alma, o negrume do meu pensamento. Não. Eu mesmo quero afugentar essas idéas. Não me quero convencer. Digo a mim proprio: nao pode ser, não pode ser!

Ah, quantas vezes, meu amigo!

O meu amigo, que é um homem experiente e intelligente, deve conhecer, e conhece, estas luctas terriveis travadas a dentro de nós. Nós a fugirmos da verdade, da razão, e a verdade, e a razão a perseguir-nos implacavelmente! Nós a clamarmos: *não, não!* e ella a clamar: *sim, sim!* Nós queremos abafar a sua voz. Os esforços que fazemos para isso! Architectamos mil razões, forjamos argumentos *decisivos.* Vamos dizer esses argumentos a todo o mundo, ás arvores, ás aguas, ás rochas, quando não encontramos gente para lh'os dizer. Antes e depois de os dizermos alto, dizemo-los baixinho, n'essa singular conversa que o homem tem sempre dentro de si. Se não conseguimos, por esse processo, vencer a voz intima, a voz terrivel, calá-la, afugentá-la, gritamos alto, irritamo-nos comnosco mesmo, com os outros, com tudo, a ver se lhe mettemos medo. Fugimos. Atiramo-nos ao ruido das ruas. Ao turbilhão dos prazeres ou do vicio. Debalde! A's vezes parece-nos que vencemos. Engano!

Isto nas consciencias honestas, meu amigo. Isto nas intelligencias claras. Os pervertidos e os estupidos não luctam. Felizes d'elles!

Porque tambem é singular, meu caro, esse castigo imposto pela natureza ao homem intelligente e ao homem justo. Singularissimo! Como a natureza faz pagar caro a superioridade da intelligencia e do caracter! O que soffre o homem justo ... porque é justo! O que soffre o homem intelligente ... porque é intelligente! Singularissimo! Oh, singularissimo!

A verdade, a razão, triumpha sempre no espirito do homem bom e intelligente. Que é uma *ave rara.* E' preciso notar-se. Sim, meu amigo, é uma *ave rara,* o homem bom, o homem intelligente!

Ora eu quero convencer-me de que o homem caminha, caminha, marcha, marcha, avança, avança, segue, segue, na estrada da sua perfeição. De que, estando tão longe do seu fim, o seu fim, comtudo... é esse, a perfeição! Mas ás vezes— não imagina— é como se uma nuvem subisse do mar! O horisonte limpo, o céo soberbo, o sol brilhante, a aragem do norte a garantir o tempo firme, e, de repente, uma nuvem a erguer-se, lá do mar! E a gente com o milho na eira ou com o telhado descoberto! A fronte a enrugar-se, o coração a confranger-se, a duvida, o medo, a saltear-nos!

Eu tenho medo. Sabe? Eu tenho medo do futuro da humanidade. Porque? Nem eu sei! Que tudo isto ha de acabar, é certo. Que me importa que a terra esbarre um dia com outro planeta e que tudo se desfaça? Que me importa que o sol se apague? Que me importa que a terra se desloque, que o mar avance, que tudo se afunde, que tudo se afogue? Que me importa que o homem retroceda ámanhã ás condições primitivas do escravo ou do barbaro?

Não me devia importar, talvez. Se ha de ser assim... Se tudo acaba!... Se já não vivo ... Nem os meus filhos ... Nem os meus netos ... Nem — é quasi certo — raça minha ... Mas importome. Afflige-me, creia, essa idéa. E afflige-me muito. E' como se vira em perigo o destino d'um filho amado!

Um dos symptomas terriveis, para mim, da morte proxima da nossa civilisação, está na esterilidade da mulher. A que ella provoca, ou o homem, e a que resulta das circumstancias.

Porque não sei se o meu amige sabe, que não lê tanto como eu, embora eu tambem, infelizmente, já não tenha tempo para ler,—vivo mais dos conhecimentos adquiridos do que d'aquelles que vou adquirindo n'este tnstante— porque não sei se o meu amigo sabe, que não tem tempo para ler e que não se dedica a estudos d'essa ordem, que o desenvolvimento intellectual da mulher provoca e produz a sua esterilidade. Isso é um problema grave, muito grave, que preoccupa os pensadores e os homens d'Estado, sobretudo na America do Norte.

Que as mulheres e os homens fazem o diabo para não ter filhos, já o meu amigo, certamente, não ignorava. Isso sabe-o todo o mundo. Começou o caso pelos homens, e não se pode negar que o não motivasse um bello espirito de previdencia. O homem, conhecendo as terriveis difficuldades da vida, vendo quanto é medonha a lucta pela existencia, apavorado com a miseria, até por um certo dó das pobres creaturas lançadas ao mundo em pessimas condições sociaes, começou a evitar os filhos. D'ahi não vinha mal. E não vinha mal porque era uma questão d'occasião. Desde que as condições sociaes melhorassem, desde que subisse a fortuna publica, voltaria, naturalmente a procreação.

Mas o diabo foi a mulher tomar-lhe o gosto. E cá está o resultado dos maus costumes!

Dos maus costumes e da insensatez. O homem foi sensato por um lado e foi logo insensato pelo outro. Como lhe é habitual. Faz e desfaz, arranja e desarranja, victima, sempre eterna victima de si mesmo.

E' claro que a procreação constitue para a mulher uma maçada. Sobre isso não ha duvida nenhuma. Era necessario não lhe despertar o egoismo. Porque despertado elle, não haveria meio de a obrigar a manter-se no papel que lhe traçou a natureza. Ora foi o que o homem fez. A proclamar a egualdade dos sexos, a emancipação da mulher, a revolta da mulher, não só despertou n'ella a vontade de ser *em tudo* como o homem, o que aliás era logico, como poz este dilemma: ou a mulher nunca é egual ao homem, ou, para ser egual ao homem, forçoso lhe é entrar em pleno regimen d'esterilidade. Isto é evidente.

E' isso, meu amigo, o que eu chamo a esterilidade provocada ou forçada. Mas outra causa d'esterilidade surgiu, e essa não a viu o homem desde logo. Viu-a com o tempo, e quando a viu, só então, estudou-a, e quando a estudou explicou-a. E' claro, uma nova causa d'esterilidade, mas resultando directamente da outra. Enxertando-se n'ella. Fazendo um só corpo com ella. Para a emancipação da mulher ser um facto, para a egualdade dos sexos ser uma realidade, era indispensavel elevar o nivel intellectual da mulher. Teriamos, portanto, como tivemos, a mulher litterata, a mulher sabia, a mulher formada em direito, a mulher medica, a mulher pharmaceutica, a mulher com o curso superior de lettras. Ora a mulher sábia era a mulher esteril. Já Spencer o tinha affirmado: "A esterilidade absoluta ou relativa da mulher é devida geralmente ao excesso do trabalho mental.„ E alem da mulher sábia ser a mulher esteril, seria, em regra, a mulher ... celibataria.

Um notavel pedagogista americano, Stanley Hall, tem feito a esse respeito interessantes estudos na America do Norte. Os tres principaes collegios de raparigas dos Estados Unidos da America do Norte são *Vassar, Wellesley* e *Smith.* De 705 alumnas que sahiram d'esses collegios com os seus graus, só 196 se casaram. D'estas, só 130 tiveram filhos. E só 222 filhos, o que dá, em media, menos de dois filhos por cada uma. As outras 66 ficaram estereis

Mas Stanley Hall não limitou os seus estudos aos tres collegios referidos. Tem sido um infatigavel investigador. E chegou á conclusão, geralmente confirmada pelos pedagogistas e publicistas americanos, que só a quarta parte das mulheres intellectuaes casam; que, d'estas, a terça parte não teem filhos; e que, das que chegam a ser mães, metade não teem leite para aleitar os filhos. *A instrucção intensa augmenta a força da vida intellectual, mas enfraquece o poder de transmissão da vida.*

Isto é grave, meu amigo, isto é muitissimo grave E reputo-o muito grave porque não vejo meio *de voltar para traz.*

E' difficilimo, quasi impossivel, pôr termo á febre intensa d'instrucção que se apoderou da humanidade. Como excluir a mulher d'essa corrente?

E a moral egoista?

Eu já lhe disse n'outro dia que a moral revolucionaria, a decantada moral revolucionaria, é toda feita de egoismos. E comprehende-se. N'isso é que está a vantagem e a superioridade da moral religiosa. A moral religiosa impõe-se em nome d'um *poder supremo.* Tem a sua parte egoista. Não podia deixar de a ter desde que no homem falam, sobretudo, as suas necessidades, os seus instinctos. O homem quer *gozar.* O homem não quer soffrer. Não tolera, não admitte o sacrificio. Onde gosa, pela moral religiosa? No céo. Onde tem a compensação? No céo. E então, resigna-se a soffrer na terra. A vida na terra é ephemera. Eterna, só no céo. Que custa então soffrer na terra vinte, trinta, quarenta ou cincoenta annos para passar a gozar uma eternidade de delicias? Que custa trabalhar cincoenta

annos, para estar milhões e milhões d'annos na ociosidade? Depois, quanto mais se soffre na terra mais se gosa no céo. Quanto mais cá se trabalha mais direito se adquiriu ao descanço eterno.

Mas com a moral revolucionaria o caso é muitissimo differente. Ou se gosa cá, ou não se gosa em parte nenhuma. Ou a vida d'orgias e de prazeres é feita aqui, ou não é feita em parte nenhuma.

Sabe o que isto é? E' pôr á redea solta o instincto animal, que dormita dentro de nós.

Quem o vence? Vence-o o meu amigo e venço-o eu. Um pequeno numero *d'élite*. Mas como e porque? Em primeiro logar, porque nascemos bons. Sabe que não sou um determinista cego. Não admitto a irresponsabilidade absoluta. Não lhe dou grande folego, porque sei o perigo que isso tem. Sei o perigo que isso tem e sei o recurso enorme que se pode tirar da força da vontade. Dois motivos para que eu não prégue o determinismo á farta e ás escancaras. Mas no fundo sou determinista, como o meu amigo, como toda a gente. *O que o berço dá a tumba o leva.* Para que são essas discussões, essas eternas discussões, essas azedas discussões entre o determinismo e o livre arbitrio, se toda a gente diz, desde que o mundo é mundo, e di-lo o religioso, e di-lo o atheu, e di-lo o sabio e o ignorante: *o que o berço dá a tumba o leva?* O homem nasceu bom ou nasceu mau. Se nasceu bom, escusa de vir para cá a sciencia diser-nos que ha de ser bom até á morte. Se nasceu mau, escusa de vir para cá a sciencia dizer-nos que difficilmente deixará de ser mau até á morte. Escusa de o dizer, porque só o não vê... quem o não quer ver ou não o quer pensar.

O que o berço dá a tumba o leva. Disse-o a sabedoria das nações. E a sabedoria das nações é a sabedoria das sabedorias, é a regra das regras, é a lei das leis. Eu só conheço uma coisa incontestavel: é a sabedoria das nações.

Ora domina os seus instinctos quem nasceu bom. Mas rara é a pessoa que nasceu boa. Espanta-se? Não se espante. Ouça, que é a verdade. E' rara a pessoa que nasceu boa. A grande massa da humanidade nem é boa, nem é má. Ou é boa e má. Como o meu amigo quizer. Mais uma vez ahi se pode dizer, apropriadamente: a ordem dos factores é arbitraria. A maior parte da humanidade é boa, *se a obrigam* a ser boa. Mas é má se a deixam ser má! Isto é, domina os seus instinctos *coagida*. Deixa-os em plena liberdade, se a deixam a ella, tambem, em plena liberdade. Dizem-lhe: é bom roubar? Ella rouba. E' bom gosar? Ella gosa. E' bom não trabalhar? Ella não trabalha. Até onde a leva o roubo? Isso não pensa ella. Vem-lhe do roubo utilidade immediata? E' quanto basta. Sente prazer em gosar? E' quanto basta, Sabe-lhe bem não trabalhar? E' quanto basta. Surge o instincto. Surge a animalidade. E triumpha o instincto ou a animalidade.

Isto em primeiro logar. Em segundo logar, que tempo nós não gastámos em aperfeiçoar, em limar, até as pôr n'este estado, as boas qualidades nativas que nos deu a natureza!

A moral revolucionario só é compativel com um forte caracter, uma forte intelligencia, uma grande intrucção e uma grande educação. Fóra d'isso, não dá nada. Exige uma dose d'abnegação, uma lucidez d'espirito, uma penetração de vistas, impossiveis d'encontrar nas intelligencias e nas almas vulgares, que são de barro.

Ainda se nos fosse possivel apanhar o vellocino, o tosão d'oiro, a Medeia...

Ah... a Medeia! Agora me lembro... a Medeia! O espirito de revolta e, juntamente, o espirito de maldade! A Medeia, que tudo sacrifica ao seu egoismo! Nem pae, nem irmãos, nem filhos a deteem! Em vez do vellocino, em vez do tosão d'oiro, os argonautas... acharam a Medeia! Que mata, mutila, incendeia tudo! Que até afoga os proprios filhos! E era tão seductora, a feiticeira!

Meu caro, os argonautas não acharam outra coisa, ao fim do seu sonho de venturas.

Os gregos... acharam a sua Medeia. Os romanos... acharam a sua Medeia. A Europa vae achar a sua. D'onde virá ella? Não sei. Mas vem, com certeza, lá de longe, de mares distantes, como a outra!

Da China, da Asia, do Japão, d'esse monstro que accorda... talvez para devorar a nossa civilissção. E assim o homem desapparece, como sempre, eterna historia do *progresso*, quando chega... a meio do caminho!

C.

Signaes...revolucionarios

Tem a papeleta da rua de S. Roque feito grande barulho com um roubo de papeis em casa do sr. Consiglieri Pedroso. Só se fôr por causa do tal sr. Ardison Ferreira, que não temos a honra de conhecer. Quem é? E' genro do sr. Consiglieri Pedroso? Nem sabemos se o sr. Consiglieri Pedroso tem alguma filha. A que titulo vive esse homem em casa do sr. Consiglieri Pedroso? E' republicano de fresca data? E' dissidente? Pela leitura da papeleta da Rua de S. Roque quiz-nos parecer que era dissidente. No emtanto, a papeleta recorre sobretudo ao nome do sr. Consiglieri Pedroso para fazer resaltar o odioso do roubo dos papeis.

Ora, meus amigos, a respeito d'espirito revolucionario no sr. Consiglieri Pedroso... temos conversado. O sr. Consiglieri Pedroso é, até, um dos mais preciosos agentes da nossa ... policia *secreta*.

A monarchia, para estar bem a par dos manejos revolucionarios do partido republicano, não precisava de gastar um dinheirão com os bufos. Nòs não gastamos um vintem. E sabemos tudo. Tudo!

Sabemos quando elles, republicanos, andam afflictos por dinheiro. Sabemos quando estão contentes por terem... arranjado dinheiro. Sabemos quando andam em negociações para arranjar dinheiro. Quando andam em negociações para comprar armamento. Quando andam em negociações para arranjar gente no exercito. Quando mettem armamento em Lisboa. Quando teem conferencias com officiaes e com sargentos. Quando teem os grupos civis apalavrados. Quando marcham para o extrangeiros em missão diplomatica. Quando a hora está proxima. Quando está remota. Emfim... sabemos tudo.

O Consiglieri chega-se? Está a caldeirada prompta. O Consiglieri afasta-se? A coisa está verde. Quando foi do *ultimatum* o Consiglieri andava afastado. Chegou-se! Em principios de janeiro de 1891 offerecia os seus serviços. Em meados de fevereiro, já ninguem o via.

Na sezão da dictadura João Franco, Consiglieri approximu-se. Até prometteu collaboração ao *Mundo* e á *Lucta!* Chegou mesmo a collaborar! Mezes depois... ninguem o via.

O Theophilo vae aos comicios e anda enthusiasmado? Está a panella a ferver. Mette-se em casa? A coisa gorou-se!

O João Chagas troveja? Quer ir para a cadeia. Está a procissão a vir para a rua. Afrouxa na linguagem revolucionaria? Perdeu as esperanças!

O Arthur Leitão chama no Suisso e no Martinho malandros aos republicanos e fala em ir para o Brazil ou para S. Thomé? Adeus, zaragata! Diz bem do Affonso Costa e d'outros, a quem chama malandros quando elles não lhe dão mnheiro? Temos obra!

O Magalhães Lima passa a fronteira *fóra das epochas normaes da sua viagem ao extrangeiro?* Está a bernarda resolvida! Volta do extrangeiro? Ficou a bernarda adiada.

Bazilio Telles anda com ar prazenteiro e fala com agrado aos parceiros? Está carregada a peça. Vae para o extrangeiro? Ha falta de massa e d'artilheiros.

O Julinho de Moura esfrega as mãos e sahe á noite de varino? Se o Carlos Costa, ao mesmo tempo, põe o dedo no nariz e fala ao ouvido dos freguezes... anda moiro na costa.

E assim por deante. A mim... basta-me ter noticias das suas pessoas. Sei tudo. Mas tudo!

Não é brincadeira. Sei tudo!

Ora o Theophilo anda *muito encolhido*. Consiglieri Pedroso... poz-se ao largo. Dizem-me que o Arthur Leitão grita contra os *gajos* e fala em ir para S. Thomé. O Julinho de Moura anda sem varino e não ha signaes de terem servido recentemente as suas barbas postiças. O João Chagas está calmo. O Magalhães Lima não sahiu precipitadament de Lisboa. O Affonso Costa ainda não foi entrevistado no *Mundo* por nenhum .. dos redactores do *Mundo*. Bazillio Telles foi para o extrangeiro, o que demonstra entre outras coisas, que as noticias de Blasco Ibáñez não são muito animadoras.

Nada! Não sei lá para que roubaram os papeis ao Consiglieri Pedroso. E' certo que os homens querem a todo o custo fazer a revolução antes do rei casar com a princeza ingleza. Mas os fundos estão em baixo.

Sobre isso é que não tenho duvida nenhuma!

Convite

Augusto da Costa Guimarães, sua filha, genro, e restante familia, participam ás pessoas da sua amisade que, tendo repentinamente fallecido no dia 7, na Costa Nova do Prado, sua muito chorada esposa, mãe, sogra, tia, e prima, se ha de realisar no dia 13 do corrente a missa do setimo dia, na egreja da Sé, ás 9 horas da manhã; e convidam, por este meio, todas aquellas pessoas a assistirem a essa commemoração de suffragio pela alma da fallecida.

Aveiro, 9 de setembro de 1909.

LADRÕES

Vão hoje as *contas* da celebre *chantage* feita em roda do interdicto Esteves Ribeiro pelos inclitos patriotas Affonso Costa e Germano Martins. Ou, sejamos justo, pelo *grande parlamentar* Affonso Costa. O outro é um miseravel *testa de ferro* que faz o que lhe mandam e recebe o que lhe dão.

Como dissemos, e como se vê, é uma infamissima ladroeira. O tribunal disse, na sentença publicada no ultimo numero, que, para ser *devidamente apreciada e attendida* a conta do **grande parlamentar,** era indispensavel que *todos os serviços fossem acompanhados d'uma nota em que especificadamente se declarasse a remuneração referente a cada um d'elles.* Não ha duvida nenhuma. Não se diz a ninguem: *dê para cá* **3:600$000 réis** *por investigações, trabalhos, conferencias e diligencias para se descobrir o paradeiro do notario Oliveira. Dê para cá mais 4:500$000 por investigações, trabalhos, diligencias, conferencias e viagens em procura de Joaquim d'Araujo.*

Quaes investigações? Quaes trabalhos? Quaes conferencias? Quaes viagens? Quantas conferencias, ao menos? Quantas viagens, ao menos?

Um grande ladrão. E é esse ladrão, a fazer coutas d'essa forma, quem vae para o parlamento falar em *orçamentos escuros e falsificados!* E é esse ladrão, a roubar tão escandalosamente, quem vae para o parlamento chamar *ladrão ao rei e aos ministros!* E é um ladrão d'esses, que se revela, alem de ladrão, *maitre chanteur*. quem vae para o parlamento combater *as immoralidades dos governos!*

Porque é *maitre chanteur*, legitimo *maitre chant eur*, alicantineiro, cavalheiro d'industria, authentico cavalheiro d'industria. Vejam a *labia*, vejam a *treta* com que elle acompanha as differentes verbas da pouca vergonha. Labia e treta grosseiras, alás. Bastariam ellas para revelarem um gatuno.

Assim nas verbas n.º 1, n.º 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, que são pequenas não carrega nos *tropos*. Mas logo na verba n.º 9, que já é d'um 1.800$000 reis, fala ... *no abandono completo do seu escriptorio do Porto*. Na verba n.º 14 *esconde-se detraz das viagens*. Carrega a mão. Mas como fez varias viagens a Hespanha, Guimarães, Covas, Ponte do Lima, arredores de Guimarães, e *etc*, julga bastante justificada a ladroeira dos 3.600$000 reis. Se lhe perguntassem pelo *etc*, elle mettia Bayona, Salamanca e S. Thiago de Compostella. A verba n.º 15 tambem é de viagens e *etc*. Mas como já poderia parecer muita viagem e muito *etc*. justifica os 4.500$000 reis ... *com o seu grande sacrificio de saude* e do *escriptorio* dos *signatarios do Porto*. Verdadeiro ladrão. Mas ladrão saloio! Mas ladrão reles da Azambuja! **Oito contos e cem mil reis** por ir duas vezes ao Minho e á Galliza! E pedia na camara dos deputados a cabeça de D. Carlos!

Nas verbas n.º 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, que são relativamente pequenas, não ha *viagens*, nem *etcs*, nem *abandonos d'escriptorio* e *sacrificio de saude*. Mas na verba 33, que é de 3:000$000 reis, lá veem *...serviços violentissimos com perdas de noites*. O bandido! Mas authentico bandido portuguez! Bandido saloio, bandido da Azambuja!

Mas para que dizer mais? Leiam e pasmem. E se ha caracter n'esta terra, dependurem esse farrapo d'ignominia, não ao pescoço de Affonso Costa, mas ao pescoço do partido republicano portuguez, cem vezes mais vil, cem vezes mais indigno do que elle.

Quadrilha! Infame quadrilha! E' o grito com que a historia o ha de perseguir, seculos a dentro.

CERTIDÃO

José d'Almeida Dias, escrivão vitalicio do 4.º officio de direito da 4.ª vara civel da comarca do Porto, por *Sua magestade fidelissima El-Rei*, a quem Deus guarde, etc.

Certifico que em meu poder e cartorio existem uns autos de acção ordinaria em que são auctores Affonso Augusto da Costa e Germano Lopes Martins, o primeiro lente da Universidade de Coimbra e advogado e o segundo advogado, ambos d'esta cidade; e reus Joaquim Esteves Ribeiro, (interdicto por demencia) representado por seu tutor Manuel José Teixeira Basto, e o Doutor Curador Geral dos Orphãos no 2.º districto e dos mencionados autos a requerimento verbal do solicitador Antonio da Costa Mascarenhas, passo por certidão na sua forma a conta seguinte:

Conta a fl. 21

Conta dos honorarios devidos a Affonso Augusto da Costa e Germano Lopes Martins, advogados no Porto, pelos serviços que elles prestaram ao interdicto Joaquim Esteves Ribeiro, representado pelo seu tutor, ex.mo sr. Manuel José Teixeira Basto, desde junho de 1902 a junho de 1904, nas questões relativas á herança Esteves Ribeiro:

1.º Conferencias iniciaes com o ex.mo commendador Joaquim Bernardino Guimarães, algumas demoradas e importantes	25$000
2.º Exame de muitos documentos do fallecido Esteves Ribeiro, em poder do ex.mo commendador Guimarães	50$000
3.º Investigações na Santa Casa da Misericordia de Lisboa e na policia da mesma cidade ácerca de Aurelia Xavier, seu estado, situação dos seus filhos, logar provavel do seu nascimento, suas vindas á cidade do Porto, etc., comprehendendo diversas conferencias	300$000
4.º Investigações em Vizella e no Bom Jesus do Monte acerca das estadas de Esteves Ribeiro ali, das epochas em que ali estivera doente, das suas relações, etc.	200$000
5.º Investigações pedidas do Brazil ácerca das estadas de Esteves Ribeiro ali, comprehendendo relatorios enviados ás auctoridades e a pessoas particulares	100$000
6.º Investigações no Porto e em Guimarães ácerca das relações entre Cecilia Xavier (filha d'Aurelia) e Joaquim d'Araujo, e bem assim entre este e o notario de Guimarães, José Joaquim d'Oliveira	150$000
7.º Novas conferencias no escriptorio e fóra d'elle para preparação do plano de defeza na acção civel	36$000
8.º Ida dos dois signatarios a Guimarães, no dia 29 de julho de 1902, visitas aos cartorios do notario e do contador e trabalho no tribunal	250$000
9.º Novas idas a Guimarães desde então até 12 de agosto, com abandono completo do escriptorio no Porto, indemnisação por 12 dias a Germano Martins e por 8 dias a Affonso Costa; e diversos trabalhos n'esse periodo, taes como assistencias a inqueritos de testemunhas, de queixosos e de réus, investigações judiciaes e administrativas, acareações, buscas e exames	1:800$000
10.º Idas a Lisboa, conferencias com diversas auctoridades e especialmente com o Exm.º Juiz d'Instrucção Criminal, relatorios para este, e outros trabalhos, destinados a apurar as responsabilidades e obter as declarações de Aurelia Xavier	400$000
11.º Conferencia no Porto com o Exm.º governador civil e commissario de policia, trabalhos na policia, declarações em Guimarães, etc.	300$000
12.º Busca minuciosa e demoradissima a muitos papeis de Esteves Ribeiro para descobrir uma folha que faltava n'um copiador, e que está actualmente nos autos	60$000
13.º Investigações relativas aos actos notariaes, que se presumia dizerem ter existido nas folhas cortadas ao livro do notario Oliveira, comprehendendo buscas nos cartorios, na conservatoria e na administração do concelho de Guimarães, idas ás Caldas de Vizella e de Santa Maria de Longues, e conferencias com diversas pessoas, especialmente da familia Sampaio	460$000
14.º Investigações, trabalhos, conferencias, diligencias e viagens dos dois signatarios para se descobrir o paradeiro do notario Oliveira e se receberem as suas declarações completas a respeito dos factos e documentos em que se baseava a acção civel, comprehendendo idas a Hespanha, Guimarães, Covas, Ponte de Lima, arredores de Guimarães, etc.	3:600$000
15.º Investigações, trabalhos, diligencias, conferencias e viagens dos dois signatarios em procura de Joaquim Araujo, antes e depois da sua pronuncia, comprehendendo idas a Hespanha, trabalhos ali, conferencias, interrogatorios e buscas em varias povoações da Galliza e em muitas terras do Norte de Portugal, com grande sacrificio da saude e do escriptorio dos signatarios no Porto	4:500$000
16.º Investigações e demais trabalhos do signatario Affonso Costa para se descobrir o paradeiro e evitar a fuga de Cecilia Xavier, e para se receberem as declarações d'ella e de seu irmão Alfredo Xavier, comprehendendo uma viagem á fronteira hespanhola	500$000
17.º Contestatação da acção civil, elaborada pelo signatario Affonso Costa	20$000
18.º Idas a Guimarães durante tres dias, requerimentos, termos, ratificações, juramento, querella, auto de querella, comprehendendo as necessarias conferencias em Guimarães e no Porto	450$000
19.º Nova ida a Guimarães e requerimentos juntando documentos e renunciando a processar Cecilia e Alfredo Xavier, e conferencias respectivas	150$000
20.º Contra-minuta e demais termos e requerimentos no processo de recurso de Aurelia Xavier sobre o quantitativo da fiança, até final decisão na Relação, comprehendendo uma ida a Guimarães e diversas conferencias no escriptorio e fóra d'elle	400$000
21.º Assistencia ás investigações policiaes no Porto (sete dias de trabalho) e diversas conferencias por causa d'ellas	280$000
22.º Inquirições de testemunhas em corpo de delicto em Guimarães, e idas alli para esse e outros trabalhos	350$000
23.º Inquirição de testemunhas em corpo de delicto no Porto, no tribunal e em casa de Cecilia Xavier e outras inquirições em corpo de delicto	240$000
24.º Idas ás differentes comarcas e assistencia ás inquirições de testemunhas em corpo de delicto	350$000
25.º Idas a Guimarães e deducção do libello accusatorio	200$000
26.º Idas a Guimarães e requerimentos para exame de documentos e outros fins	120$000
27.º Incidentes e aggravo sobre custas e trabalho no recurso até final decisão	300$000
28.º Novo requerimento sobre exame de documentos	5$000
29.º Assistencia a um exame e respectivos quesitos	30$000
30.º Assistencia a todas as inquirições por deprecada, em acto de julgamento, com intervenção dos defensores dos réus, e alguns incidentes	450$000
31.º Trabalhos ácerca da reclamação de jury mixto, comprehendendo uma longa exposição, viagem a Lisboa, e conferencias	260$000
32.º Idas a Guimarães e assistencia a exames em documentos	160$000
33.º Primeiro julgamento de Oliveira e Aurelia. Estada em Guimarães desde 18 a 27 de maio. Accusação particular. Serviços violentissimo com perdas de noites. Conferencias diversas a este respeito	3:000$000
34.º Novo rol de testemunhas e novas inquirições no Porto	60$000
35.º Assistencia á audiencia geral em Guimarães no dia 12 de junho. Incidentes. Adiamento para 13. Incidente de falsidade. Muitos requerimentos e respostas	750$000
36.º Contra-minuta d'aggravo do incidente de falsidade e sequencia d'este recurso até decisão na Relação; minuta do aggravo interposto do despacho que reparou o aggravo anterior, contra-minuta do aggravo que tambem interpoz a parte contraria; e novas minuta e contra-minuta da Relação para o Supremo Tribunal; com todos os termos e incidentes até final	700$000
37.º Idas a Guimarães e inquirições de testemunhas do incidente de falsidade em diversos dias	240$000
38.º Estada em Guimarães de 15 a 20 de julho, e julgamento de Oliveira, com todos os incidentes, comprehendendo as respectivas conferencias	1:800$000
39.º Recurso de revista da decisão absolutoria de Oliveira e minuta extensa apontando e demonstrando muitas nulidades do processo, e seguimento do recurso até final	200$000
40.º Justificação da ausencia de Joaquim d'Araujo em parte incerta e ida a Guimarães para o effeito de se lhe applicar a respectiva lei	130$000
41.º Inquirições. em tres dias diversos, ácerca da justificação da ausencia e idas a Guimarães para esse fim, etc.	210$000
42.º Contra-minuta do aggravo de Joaquim d'Araujo sobre a fiança; apellação e respectiva minuta do despacho que o despronunciou reparando o aggravo; contra-minuta do recurso de revista do Accordam da Relação, que mandou novamente lançar a pronuncia e seguir o processo; e todos os mais termos e requerimentos até decisão final d'este pleito iniciado em 18 d'agosto de 1903 e concluido em 15 de março de 1904, comprehendendo idas a Lisboa e muitas conferencias no escriptorio e fóra d'elle	880$000
43.º Requerimentos e outros trabalhos relativos ás duas acções, e não comprehendidos nas verbas anteriores	34$000
São vinte e quatro contos e quinhentos mil réis	24:500$000

Os advogados | *Affonso Augusto Costa.*
Germano Lopes Martins.

Nada mais continha a conta que na sua forma transcripta fica dos proprios autos a que me reporto e por o referido ser verdade de todo o seu contheudo dou fé.

Porto, dezeseis de Março de mil novecentos e cinco. E eu José d'Almeida Dias que a subscrevi, rubriquei e assigno.

José d'Almeida Dias

(seguem sellos e reconhecimento)

OS BORRAS D'AVEIRO

Mas então quando vem o tal celebre ramal do caminho de ferro? Quando vem?

Este paiz está cheio de *borras*. Isto não são homens. Isto são borras. Mas, ainda assim, justiça acima de tudo, não ha borras que cheguem a estes borras de Aveiro. Isso é que não ha.

O ramal projectado até ao centro da cidade é utilissimo. Utilissimo ao commercio, utilissimo á industria, utilissimo á camara municipal, que se livra de concertos d'estradas carissimos e constantes, utilissimo aos proprietarios, que se livram da acção damninha do sal, utilissimo ao povo em geral. Só não é util aos carreiros, uma fracção minima, e cujos interesses se não podem pôr acima dos interesses da cidade inteira. Pois como houve *rivalidades de mando*... tudo como d'antes quartel general em Abrantes.

Parola sobre tudo, sobre as coisas mais inuteis e sobre as coisas mais asnaticas. Manifestos, idem. Mas sobre coisas d'utilidade, nem pio.

Querem ver que foram tambem o diabo dos jesuitas e o raio dos padres que empeceram o ramal do caminho de ferro?

Tem a palavra o *Maduro*.

Corja! Grande corja! E' leve toda a canga que lhes pozerem. E são poucas todas as chicotadas que lhes derem.

Velhas Opiniões

Do *Povo de Aveiro*, de 11 de Setembro de 1887:

Mil vezes apontámos n'este jornal os erros politicos dos dirigentes e o pessimo caminho, que incutiam á democracia portugueza. Em logar de nos ouvirem, os soldados, em logar de prestarem attenção ás accusações que formulavamos, accusações incontestaveis porque eram bem fundadas e profundamente verdadeiras, preferiam associar-se ao auctoritarismo dos chefes e a vomitar calumnias contra os que lhe não respeitavam os idolos. Pois então ahi teem o resultado.

Uma das allegações dos republicanaceos para fundamentarem a supposta alliança,—fusão é que ella era ou ha de ser,—com um grupo monarchico, é a inefficacia do acto eleitoral. Ora nós já mostrámos no numero anterior como essa inefficacia provem em grande parte da inhabilidade e dos erros do directorio. Directorio que, por um jornal de qualquer localidade (1) lhe censurar os actos, põe de parte n'uma lucta eleitoral não só esse jornal e a facção que lhe é inherente, como os republicanos todos da terra em que elle se publica, deu provas tão cabaes da sua insignificancia que só um partido desorientado o poderia depois d'isso tolerar. Pois nem só o tolerou, como ninguem, a não ser o *Povo de Aveiro* que rompeu para sempre as suas considerações com elle, o increpou por esse facto. Partido que merecia, infelizmente, a sorte que hoje tem!

Portanto, ahi está um dos motivos porque o acto eleitoral nunca chegava aos resultados satisfactorios que todos desejavamos. Não é preciso mais nada para se vêr quanto o corpo dirigente de um partido é incapaz da missão difficil, que lhe é imposta. Directorio que tinha amuos de creança, que se esquecia da sua missão impessoal e collectiva para só se lembrar dos despeitos e do orgulho ferido de cada um dos seus membros, lavrava a sua condemnação manifesta para o bom desempenho do seu cargo.

Ahi está a inefficacia, ahi está a *insufficiencia dos processos* a que se refere o sr. Jacintho Nunes. Não que mais uma duzia ou menos uma duzia de votos dos republicanos d'Aveiro influisse no resultado geral das eleições. Mas porque, estabelecido esse principio deploravel, o que se deu comnosco havia de se dar com outros, e então ia-se a fé, ia-se a dedicação, ia-se o enthusiasmo, sem os quaes não ha partidos viaveis nem politica possivel.

Foi em 1884 que isso succedeu e o prenuncio grave d'então desenvolveu-se em 1887 para produzir consequencias funestas. As eleições d'este anno foram mais uma demonstração completa da incapacidade do directorio. Foram uma vergonha, que ha de ficar para sempre na historia do partido republicano como grilheta atada ao pé d'esses que nem ao menos teem pejo de nos vir ainda falar em *insufficiencias de processos empregados*. Agora não foi já e só os republicanos d'Aveiro que não foram ouvidos sobre as condições de lucta da sua localidadade, sobre as suas forças, sobre os meios de que dispunham, sobre o que sentiam dos candidatos propostos; agora foi tudo, com poucas excepções. Estão na memoria de todos as scenas tristissimas que se deram com os republicanos do Porto. Interrogam-nos sobre a lucta eleitoral, mas depois não respondem ás perguntas nem ás instancias repetidas da dissolvida Junta! E assim por toda a parte. Nada de consultar ou de ouvir as influencias eleitoraes ou os homens mais considerados pelo seu valor ntellectual ou local. Aquillo foi de empreitada e de palpite!

Queixam-se das chapeladas e das falsificações das actas! Chapeladas e falsificações por culpa do directorio, em grande parte. Se o directorio, em logar de deixar ao abandono os republicanos d'Aveiro, os republicanos do Porto, os republicanos de toda a parte, lhes ineutisse alento e vida com todos os meios de que podesse dispôr, o conselho, a recommendação instante, a rhetorica em ultimo caso, que ainda é instrumento de valia em circumstancias d'estas, nem as urnas ficariam abandonadas como ficaram, nem os nossos correligionarios trabalhariam com o desalento com que todos trabalharam. E vigiadas as urnas, e organisada a resistencia por concelhos, que se podia organisar em muitissimos d'elles, ficavam em grande numero annulladas as burlas, e as chapeladas pela certidão dos votos obtidos por cada condidato, certidão que a lei nos faculta ao findar o acto eleitoral em cada assembleia.

São insufficientes os processos empregados até hoje e apertada a situação do partido republicano! Então o sr. Jacintho Nunes julga que ha de fazer politica republicana a caçar perdizes nas suas propriedades? Pegasse na sua mala e fosse por esse paiz fóra no periodo eleitoral trabalhar com os seus correligionarios pela causa democratica. Fosse-os animar com a sua presença, enthusiasmal-os com o seu prestigio. Fosse o senhor, fosse o sr. Magalhães Lima, fosse o sr. José Elias, fosse o sr. Consiglieri Pedroso, fossem todos, que assim se faz na Italia, assim se faz na França, assim se faz na Inglaterra, assim se faz em todas as nações em que se pensa e trabalha. Fê-lo Gambetta, fa-lo Gladstone, fa-lo Salmeron, fazem-no todos os que teem sinceridade e teem convicções. E se o fizessem em vez das devassidões, orgias e intrigas em que andavam mettidos, não estaria o partido republicano na situação apertada em que dizem e certos individuos no estado grave de saude em que estão. Com mais moralidade e mais sinceridade, não só fortaleceriam o organismo pessoal como engrandeceriam o organismo politico.

Não estão para se incommodar, não querem arriscar os seus interesses? Então passem a soldados, então deponham o bastão do commando. E' para quem quer; quem não quer ou não pode, largue. Com a certeza de que emquanto forem chefes, emquanto forem dirigentes, nós podemos e devemos exigir-lhes mais, muito mais, o sufficiente para não comprometterem o destino d'um partido e o futuro d'uma grande causa.

Por ventura o directorio republicano, que sancionou a proposta jacinthacea, pode falar em insufficiencia de processos empregados, elle, que nada tem feito d'aproveitavel e util? Elle, que, pelo contrario, tem desaproveitado e perdido o que havia? Elle, que foi sempre mudo a todas as reclamações dos republicanos da provincia? Dizei lá, republicanos, quantas vezes pedistes aos chefes, principalmente no periodo eleitoral, que fosse um d'elles dar alento aos mais timidos com a sua presença, fé aos mais debeis com a sua palavra, calor aos mais frios com as suas doutrinas? E quantos lá foram? Nenhum, em regra geral. Nenhum! E ainda assim o partido abandonado, o partido á toa, o partido sem rumo deu uma affirmação brilhante da sua vitalidade a ponto de que ninguem pode dizer em absoluto que fossem inefficazes as campanhas eleitoraes. Isto é, se os chefes não fizessem bem, mas tambem não déssem *cabeçadas* a cada instante, o partido republicano seria poderosissimo. Se tivessem energia, tacto e talento para o governar e dirigir, a monarchia teria as suas horas precisa e fatalmente marcadas. Poderiamos mandar fazer o fato de gala com que lhe iriamos assistir ao enterro em dia certo e determinado.

Foi o *Povo de Aveiro* em 1884. Vejam ha quantos annos nós andamos em guerra aberta com os republicanos!

PROVINCIAS

VENDAS NOVAS

Acabei de ler — da primeira á ultima linha — "O Povo de Aveiro„ o que fiz como se devorasse um manjar. Os melhoramentos com que se apresenta este distincto missionario e grande campeão da verdade, encheram-me de tão grande enthusiasmo, que se a palavra—"parabens„ e o sentimento que exprime, se transformassem em volume e peso, immediatamente partiria da estação d'esta aldeia, um comboio enorme, carregado, e bem cheio, d'esta nova especie. Pondo de parte a phantasia, tenho que limitar-me á praxe e formalidade mais usada:—"felicito V. e todos os leitores d'este indispensavel Hebodmadario, a que chamei missionario e grande campeão da verdade. Classifico-o de missionario, porque este importante jornal está desempenhando, entre nós, quasi o mesmo papel que os funccionarios, assim chamados, desempenham entre os povos menos cultos. A missão d'aquelles, é civilisar e fazer muita luz, para mostrarem a fragilidade e nenhuma importancia da maior parte dos seus idolos. A d'este, é acautelar-nos, prevenir-nos, tirar-nos da costumada bôa fé e ingenuidade que caracterisa o povo portuguez, na sua maior parte: é desviar-nos da corrente cega, impensada, que nos illude; da astuta armadilha para que nos querem arrastar: é provar-nos, bem á evidencia, que é grande, que é enorme a dose de intrujice e a serie de *habilidades*, de que são eximios artistas os *heroes* da republica, *destemidos defensores* da patria e... das moscas.

De oito em oito dias, grita-nos "alerta„ e o echo pouco a pouco tem chegado a todo o paiz e assim tambem, felizmente até nós, onde já são distribudos quarenta exemplares.

Não sei se V. conhece este meio.

Vendas Novas é uma aldêa com o movimento d'uma pequenina cidade. E' muito laboriosa porque tem trez grandes elementos, que lhe dão muita vida: o militar, o commercial e a grande industria corticeira.

A maior parte da povoação é composta de operarios d'esta industria, na quasi totalidade gente ordeira, com quem convivemos e temos intimidades. Sentimos satisfacção sempre que entramos em uma fabrica, e vemos a boa ordem em que todos trabalham, manifestando o maximo interesse em se auxiliarem reciprocramente. Se algum adoece ou é victima de qualquer desastre, immediatamente todos se cotizam para lhe suavisarem pecuniariamente o seu soffrimento. Basta isto para se concluir que ha n'esta classe a grande virtude de praticar o bem e de serem uteis uns aos outros com verdadeira solidariedade e exemplar camaradagem.

Infelizmente, esta laboriosa gente tem, por vezes, atravessado grandes crises de falta de trabalho, e n'estas occasiões, apoquentados, cheios de desgosto, em situações criticas, lêm com avidez os jornaes que mais fingem advogar a sua causa, e que aproveitam tudo para se insinuarem, explorando e descrevendo com as mais lindas e variadas côres o seu campo politico.

D'aqui resulta a espontaneidade da preferencia da leitura do "Mundo„ da extincta "Vanguarda„ da "Lucta„ e do *famoso e impagavel* "Seculo„

Não leem os operarios outros jornaes. Na boa fé, immediatamente se convencem que lhes fallam com sinceridade, com lealdade, com o coração nas mãos, como se costuma dizer, e é assim que vemos em cada operario, — aliás, com muitas excepções—um defensor acerrimo das doutrinas espalhadas por aquellas fabricas dos dez reisinhos. Feliz o dia em que o operariado se convencer que tem sido ludibriado e vêja bem claramente, que deitam mão d'elle, como meio para meia duzia de agitadores conseguirem os seus fins!

No emtanto, a caudalosa corrente estabelecida por aquelles jornaes tem engrossado, devido, como disse á boa fé de muitos, e á indifferença de muitos outros, e assim, a especulação republicana, tambem aqui tem sido aproveitada.

Se descesse a minuciosidades muito tinha a descrever, mas já divaguei muito mais do que desejava, e assim é melhor ficar por aqui.

Como é quasi uma falta de attenção e até mesmo de dedicadesa, depois de termos fallado em especulação republicana, não fazermos a mais pequenina referencia, *ao explorador mór*, diremos apenas que muito de longe *bulimos* n'este *conspicuo cidadão* para não lhe mancharmos a sua reconhecida *pose auctoritaria*.. *Sabêmo-lo muito digno do logar* e que tem o respectivo *curso* e em condições de ser equiparado a muitos *marechaes* do seu partido, dos mais conhecidos do "Povo de Aveiro.„

Não lhe chamamos santo, mas consta-nos que tem muitos milagres, que em grande parte se encontram registados nos archivos do ..... *Gremio*, alem do que chega até nós, pelas trombetas da fama.

Emfim, o „Povo de Aveiro„ está como a sciencia, quanto mais descobre mais lhe fica para descobrir. Oxalá que continue progredindo e facilmente possa cumprir a sua nobre e espinhosa missão, para, dentro em pouco, vermos bem desinfectados todos os cantinhos da nossa querida Patria. E' o que sinceramente deseja.

Um humilde aldeão.

VÁRIA

A carestia do carneiro... fóra de Portugal.

Lê-se n'uma publicação franceza que o carneiro em França diminue. E tambem na Prussia e na Inglaterra. Pois em Portugal augmenta!

Panurgio desappareceu. Dindenaut foi pelo mar abaixo, como se sabe. E d'ahi ... uma das razões da diminuição dos carneiros. O auctor da noticia explica: *ne saurait donc s'expliquer que par les transformations de la culture, la diminution des pâturages, et* surtout, *peraît-il*, celle des bergers.

E *sobretudo*, traduzamos, *pela falta de pastores!*

Pois em Portugal cada vez ha mais carneiros e cada vez ha mais pastores. Com a differença unica de que os carneiros entre nós — producto da civilisação — andam com as patinhas deanteiras pelo ar, teem essa audacia, e os pastores chamam-se, teem esse desavergonhamento... grandes jornalistas, grandes tribunos, grandes estadistas, e, principalmente... *grandes parlamentares*. Teem esse desavergonhamento.

Ainda temos outra especialidade que falta á França, á Prussia e á Inglaterra. E' o carneiro — pastor, ou o pastor — carneiro [a ordem dos factores é arbitraria]

O Maduro — os leitores não conhecem, mas é o mesmo — é carneiro. E é pastor. Que assim eram já, no fim de contas, os carneiros de Panurgio. Cada um d'elles guiava ao mesmo tempo que era guiado.

Emfim, carneiros cada vez ha mais. Julgo que é com elles que conta o partido republicano para tornar, quando for ao poder, a carne mais barata. Só esse partido tem uma enorme reserva de carneiros. Carneiros cada vez ha mais. No emtanto, succede aqui o que succede em França, na Prussia e na Inglaterra —continua Portugal a ser o paiz do paradoxo—a carne e a lã em vez d'estarem mais baratas teem encarecido sempre.

Evidentemente é a republica que guarda avaramente os carneiros para o seu triumpho final.

Conservemos a esperança de que a carne do carneiro e a lã se tornem mais baratas quado a republica for proclamada em Portugal.

—†—

Descanço semanal e salarios

Os tribunaes francezes acabam de decidir que a lei de 13 de julho de 1906, que estabeleceu n'aquelle paiz o descanço semanal, não impõe aos patrões ou chefes d'emprezas a obrigação de pagar aos operarios ou empregados no dia do descanço.

Mais decidiram tambem que os donos de padarias serão condemnados quando não deem o dia de descanço aos seus operarios. Havia grande difficuldade, quasi impossibilidade, em arranjar no dia de descanço manipuladores que substituissem aquelles a quem a lei concedia o descanço. Os donos de padarias, agarrando-se a um artigo da lei que exceptua o descanço em casos de *força maior*, allegavam que era aquelle, precisamente, um dos casos de *força maior*. Os tribunaes não foram da mesma opinião. Segundo elles, a impossibilidade d'encontrar operarios para substituir os que descançam não constitue *caso de força maior*.

Comer pão de vespera, pão duro, é o remedio.

Estas coisas em França, ao que se vê, tomam-se a *serio*. Em Portugal, tudo uma vergonha.

—†—

O pão do soldado

Ha muito tempo que se discute em França *o pão do soldado*. E não se julgue que o discutem só as revistas technicas ou as revistas militares. Não, senhores. Tem sido objecto de numerosos artigos nos jornaes politicos.

O typo do pão do soldado acaba emfim de ser fixado. Terá 675 grammas. Será de forma alongada, excepto durante as manobras do outomno em que será de forma redonda. E será fabriicado com farinha de primeira qualidade, de forma a dar *o pão branco*, considerado o pão *mais alimenticio*.

E assim se résolve mais uma vez que o *pão branco* é mais alimenticio que o pão de toda a peneira, o pão escuro, ainda hoje proclamado o *mais alimenticio* nos congressos de tuberculose em Portugal!

Cessa a distincção entre o pão de munição e pão de sopa. O exercito francez fica com um unico typo de pão.

Isto emquanto ao pão em tempo de paz.

O pão de guerra esse ainda não foi fixado. Está sendo estudada a seguinte combinação: para 100 kilos de farinha de primeira qualidade, 10 kilos de farinha de arroz, 8 kilos de assucar granulado, 3 kilos de manteiga de coco purificada, e o sal e o fermento necessarios.

Segundo as experiencias já feitas, este pão é de gosto mais agradavel que o antigo; pode ser consumido no estado natural ou molhado em leite, vinho ou café; pode ser empregado em substituir o pão fresco, no caso d'este vir a faltar, para o que basta molha-lo em agua durante dois minutos e faze-lo seccar immediatamente, de preferencia n'um forno doce; pode ser, emfim, empregado como pão de sopa.

—†—

O preço do pão na Austria

A Camara do Commercio da Baixa Austria acaba de publicar no seu relatorio annual um estudo muito interessante sobre o preço do pão no decurso dos annos de 1907 e 1908. Os pequenos pães são vendidos em Vienna por um preço invariavel e é por conseguinte o peso que nos dá a noção do seu valor exacto. Os pãesinhos brancos conhecidos por Kaisersemmel, que custam 5 centimos (10 reis) pouco mais ou menos, pesavam em março de 1907 nunca menos de 38 grammas; em dezembro de 1908 baixaram para 33 grammas, o que correspondeu a um augmento de preço de perto de 14%. Uma outra variedade de pães chamados *Mundsemmel* vendendo-se pelos mesmos 5 centimos (dez reis) pesavam em março de 1907 54 grammas e em dezembro de 1908 42 grammas, o que correspondeu a um augmento de preço de mais de 27%. Relativamente ao pão commum, que se vende como entre nós, ao kilogramma, a differença de preço não foi menos importante. Um kilo de pão de mistura custava em Vienna d'Austria 19 centimos e meio (35 reis!) em março de 1907 e custava 26 centimos (47 reis!) em dezembro do anno seguinte, ou seja mais 30%.

E queixam-se os autriacos! Com o pão de mistura a 47 reis o kilo!

Mas queixam-se a valer. Mas tem sido um grave problema. Esta carestia veio do augmento do preço das farinhas. Ora succedeu haver muitos padeiros, segundo lemos n'uma revista technica estrangeira, que se negaram a augmentar o preço do pão, isto é, a diminuir o peso. Isso arrastou-os, em parte, á fallencia. E essas fallencias foram repercurtir-se nos moageiros que perderam com ellas grandes sommas.

O remedio, ao que parece, consistirá na suppressão dos direitos sobre os cereaes.

Até n'isto Portugal é um paiz unico. Aqui quem arrenta é o pobre, não é o lavrador, nem o moageiro, nem o padeiro. O lavrador tem um regimen de protecção verdadeiramente phantastico, e acha pouco. O moageiro não tem alta nem baixa na farinha, cujo preço é fixo e subordinado ao preço do trigo. O padeiro tem o limite das padarias e tem o prexo fixo do pão a jogar com o preço das farinhas. Resultado: pão a 80 reis o kilo, mal fabricado, e viva o velho!

—†—

Estudantes em Pariz

Em 1907-1908 foi de 17.303 o numero d'estudantes na Universidade de Paris. Mais de população e meia da cidade de Aveiro, incluindo n'esta população homens, mulheres e creancas! E' muito estudante!

D'esses, 8:000 frquentaram a faculdade de direito, 3:500 a faculdade de medicina, 2:000 a faculdade de sciencias, 3:000 a faculdade de lettras e 905 seguiram o curso de pharmacia.

Na Universidade de Paris andam, como se sabe, muitos extangeiros. Ora a faculdade que conta maior numero de extrangeiros é a faculdade de lettras. Foi frequentada por mil extrangeiros, no anno de 1907-1908.

—†—

Lá como cá

O orçamento françez consigna para 1910 um milhão d'enpregados publicos. Tendo a França 40 milhões de almas é um empregado para 40 habitantes.

Bem bom!

Não nos fica a dever nada.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

CH PHRISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio — **Rua Costa Cabral, 489** — PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O Povo de Aveiro

Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marcos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça, do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella, 15.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Francisco Pinto Ferreira.

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.

ESPINHO—Kiosque Reis.

MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.

VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85

CHAVES—Annibal de Barros.

VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neu e C. da Mesquita.

EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.

CASCAES—José Jacintho D. Cabral.

TYPOGRAPHIA

DE

O Povo de Aveiro

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa Bauer & C.ª, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa Bauer e da casa franceza Turlot, orlas e vinhetas decorativas Turlot, Berthold, de Berlim, e de Klinkhardt, de Leipzig, machinas d'impressão, de picotar, d'aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães Albert & C.ª, de Frankenthal, Ingenfrost, de Leipzig, Dietz & Listing, de Leipzig, com uma espiendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a cores, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, como livros, revistas, jornaes, prospectos, cartazes, facturas, circulares, etc.

Toda a correspondencia dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario, director e administrador do POVO D'AVEIRO.

HOTEL CYSNE

Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais aprazivels da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO